



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950, Provincia, 3 meses 2850; Africa Portuguesa, 6 meses 6000; Estrangeiro, 6 meses 10200
PAGAMENTO ADIANTADO

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2333

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 10 DE JULHO DE 1925

Os militares, afinal, estão usando os mesmos processos e patenteando os mesmos vícios dos políticos anteriores

Operou-se mais uma modificação no cenário da actual situação política. Já não é o general Gomes da Costa quem manda—é o general Carmona. Um novo governo dirige neste momento a nação. Já o sr. Martinho Nobre de Melo nada manda na presente situação. O sr. Filomeno da Câmara também foi passear.

A pouco mais de um mês da revolução militar, três governos distintos têm gerido os negócios do Estado. O primeiro governo, o do comandante Cabeçadas, foi obrigado a demitir-se após várias cabeçadas que só trouxeram ao país dissabores, confusão e desordem. Seguiu-se-lhe Gomes da Costa, que melhor não andou do que o anterior, pelo contrário: amordaçou a imprensa e fez perseguições. Agora um novo governo, presidido pelo general Carmona, acaba de tomar conta do poder e dispõe-se a governar.

Não conhecemos as intenções do novo governo. Podemos admitir, por condescendência, que sejam boas.

O exército fundamentou a sua intervenção na vida política e na governação pública em várias razões que ainda não esquecemos. Entre elas, a instabilidade dos ministérios constitucionais, a intriga política sem objectivos elevados e as ambições desmoralizadoras dos vários grupos eram as de maior vulto.

Mas se o exército fez a sua revolução para acabar com esses males porque razão está seguindo precisamente as mesmas pizadas daqueles contra quem se revoltou?

Parecia, pela maneira como falavam os defensores e propagandistas da ditadura militar, que o exército era constituído por vestais immaculadas incapazes de errar. E, afinal, é o que se está vendo.

A sua unidade de vistas, a sua disciplina, a sua competência começam agora a patentear-se de maneira bem clara aos olhos do povo.

Principia a ser confirmado pela prática, pela realidade, tudo quanto temos afirmado acerca da incapacidade governativa do exército.

Os acontecimentos dos últimos dias trazem o país tão alarmado, do norte ao sul, como os acontecimentos revolucionários de que eram tão férteis os homens que anteriormente nos governavam.

Em que difere, pois, um general Gomes da Costa, que veste farda, e a pesar de ter estado no poder não conseguiu resolver, senão agravar, um único dos grandes problemas colectivos dum outro Costa qualquer que, vestindo frack ou paletot, tenha governado isto com o habitual desacerto e tradicional incompetência?

Em que difere a situação presente, dirigida por militares, da situação anterior dirigida pelos políticos democráticos?

São muito semelhantes. Mas parece-nos que o exército, que quer salvar a nação que os partidos afundaram, apenas conseguirá perdê-la mais depressa.



RESPOSTA A UMA CARTA

Em que se prova que não ha suspeita, mas apenas lógica na critica feita à atitude dum jornalista

Camarda Eduardo Farias.—Não sei a que atribuir a tua carta de ontem no Diário da Tarde. Neurá, obediência a influências estranhas, qualquer coisa que eu não sei discernir? O que é certo é que, depois da nossa última e amena conversa de amigos, eu estranho a tua atitude. Aguarda-se-me que, pelo menos, te deixaste possuir dum injustificada manja de perseguição, tão injustificada quanto é certo que eu puz em jôzo toda a lealdade que me caracteriza e me fiquei na impressão de que lóra compreendido, e o teu procedimento seria muito outro. Enfim, como a público me chamas, limitar-me-hei a fazer uma descrição sucinta do incidente, se é que deste modo se pode qualificar um reparo de camarada e amigo. Ora vamos: Logo após aquela entrevista apologética da ditadura que José Pacheco te concedeu para a Revolução Nacional, encontramos-nos e eu signifiquei-te a minha compartilha na estranheza que causara aos nossos camaradas de ideias o facto de assinares, sem comentários que salvaguardassem as tuas responsabilidades de revolucionário, opiniões tão antagónicas, num jornal especialmente criado para nos atacar.

Desculpastes-te com a precária situação económica e afirmaste-me que carecias de subscrever a tua produção ali, tanto mais que isso já te servira para a consecução de trabalho em outros jornais; invoquei a coerência a afirmações passadas, mas foste inabalável. Então, sim, é certo, na qualidade de director do suplemento de A Batalha, para evitar a estranheza dos nossos camaradas leitores do periódico em verem o mesmo nome firmar em dois órgãos, os mais antagónicos, matéria inevitavelmente contraditória, deliberei que em nada te lósse alterada a colaboração mas que os teus artigos sáissem não fascinados. Havia, porém, um conto que deveria ser publicado com o nome do autor e dei instruções para que nêlle subscrevessem as tuas iniciais.

Onde está, portanto, a perseguição, o ataque à tua vida moral e material, se materialmente foste tu quem se prejudicou, e materialmente nada sofrias? E's injusto. Depois, recordas-te, voltámos à conversa sobre o assunto, e tu, vendo mais claro, convieste em que, de facto a duplicidade de assinaturas dava aos profanos a impressão dum desvio ideológico, e influenciado talvez pelo acréscimo de matéria estranha, a uma das tuas produções na Revolução Nacional, pela inusitada dum vespertino, que irás assumir a direcção dêsse jornal, achastes acertado não só o não assinarmos qualquer trabalho a sair no órgão da ditadura militar como ainda publicares em qualquer jornal a declaração de que eras não só contra a síntese das entrevistas que assinaras, como mantinhas íntegras as tuas ideias.

Recordas-te? Isto disseste-lo tu muito espontaneamente, posto que eu continuei a

A CENSURA

A censura à imprensa de que escaparam ontem os jornais da manhã, já se fez sentir bem profundamente nos jornais da noite e ameaça prosseguir feroz e implacável. Não nos cansaremos nunca de protestar contra este regime de violência a que se está sujeitando o pensamento. Nunca o encerramento da liberdade de imprensa trouxe vantagens aos governantes. O silêncio geral a que se submetem os jornalistas é para os governos um perigo maior do que a mais hábil conjura.

Tempestade no México

MEXICO, 9.—Têm caído chuvas torrenciais sobre vários pontos do México, especialmente da Puebla, que se encontra inundada, havendo numerosos afogados. — (H.)

Para que viva o burguês...

LONDRES, 9. — A Camara dos Lords aprovou a nova lei de horário dos oito horas de trabalho para os mineiros.

Um parlamento ao pintar

MADRID, 9.—O general Primo de Rivera anunciou a criação dum Assembleia Nacional, cujos membros serão nomeados pelo governo, e escolhidos dentre os sócios das diversas associações profissionais. — (L.)

Quarenta comedores

LONDRES, 9.—Os reis de Espanha almoçaram hoje no ministério dos negócios estrangeiros, presidindo o sr. Chamberlain.

A recepção realizou-se na mesma sala em que foi assinado o acôrdo de Locarno. O número de convidados eleva-se a 40, incluindo a princesa Beatriz, mãe da rainha Helena, o primeiro ministro e «mistress» Baldwin, todos os seus colegas de gabinete e esposas, o embaixador da Espanha, etc. — (L.)

garantir-te a colaboração no nosso suplemento. Onde, pois, a minha ditadura? Em que a afronta e para que o conflito? Em conclusão, repito: A Batalha não é minha. E' nossa, de ideias, que ambos temos servido. Como idealista terás sempre um lugar de colaborador no nosso jornal e poderás firmar com o teu nome as tuas produções; como simples profissional da imprensa—permite-me o arrojô—escreverás para onde querires, mas, cuidado, não conspurques o teu nome. As nossas responsabilidades de revolucionários, indicam-nos que imponhamos as nossas ideias sempre e onde quer que possamos ou nos convidem a escrever. Magoado pela tua atitude injusta, confio que reflectirás e rectificarás teu critério.—Santos Arranha

A destituição do general Gomes da Costa pelos comandantes da guarnição militar de Lisboa

Foi constituído novo ministério presidido pelo general Carmona—O sr. Ferreira do Amaral reassumiu o comando da policia—O movimento de agora também triunfou sem luta

Os últimos acontecimentos, aos quais a imprensa não tem podido referir-se tão desenvolvidamente como merecem, atingiram ontem o seu aspecto melindroso e agudo. Há dias que nos meios militares se estabelecia um ambiente desfavorável ao general Gomes da Costa.

Do sucedido damos a seguir sucinto relato, se a censura no-lo permitir.



Antecedentes da queda de Gomes da Costa

Os comandantes das unidades aquarteladas em Lisboa procuraram, há dias, no palácio de Belém, o general Gomes da Costa. Os oficiais foram manifestar o seu desagrado pela orientação seguida pelo presidente do ministério, ora deposto.

Compareceram: o general Domingues, comandante da 1.ª Divisão; o coronel Valadas, comandante da Guarda Republicana; o coronel Musinho de Albuquerque, comandante das tropas acantonadas em Sacavem; o general Sinel de Cordes, o tenente-coronel Raúl Esteves e outros oficiais superiores ligados aos acontecimentos em curso.

Entre todos, a controvérsia foi muito agitada, havendo uma extraordinária irreduzibilidade de parte a parte. Os oficiais apresentaram uma plataforma nos seguintes termos: reconduzir, imediatamente, os ministros demissionários, havia poucas horas.

O general, que a principio se mostrou intransigente, terminou por declarar que abandonaria a presidência do ministério se era esse o desejo do exército. Quanto à plataforma que lhe foi apresentada, opinava-se terminantemente, por considerar que ela representava um desprestígio para o seu nome. Enquanto durou a conferência, o chefe do governo afastou-se, por vezes, para um gabinete contíguo, onde ia tomar conselho com algumas pessoas que ali estavam reunidas.

A entrevista terminou, já de madrugada, tendo pedido a sua demissão os comandantes da 1.ª Divisão, da G. N. R. e das tropas de Sacavem.

A nota officiosa que foi publicada nos jornais da manhã não representava, portanto, a expressão da verdade. Confirmavam-se as divergências. O problema político não tivera ainda uma solução definitiva.

Ante-ontem voltaram a reunir-se com o general Gomes da Costa alguns dos officiaes acima nomeados, chegando-se a manhã alta sem uma solução definitiva.

Estava aberto o conflito. De tarde,inha sido dada ordem às tropas da Guarnição para se conservarem de prevenção simples, permanecendo nos quartéis todos os officiaes.

A's 7 horas da manhã as tropas passaram a prevenção geral, e às 8, a prevenção rigorosa.

A's 13 horas, foi dada ordem pela Divisão, para que fosse içada, em todos os quartéis, a bandeira nacional, o que se fez com as honras do estilo.

Houve uma tentativa de contemporização, apenas se conseguindo que os officiaes transigissem em não collocar o sr. Sinel de Cordes na presidência do ministério.

A meio da noite, os comandantes das unidades reuniram-se no Quartel General da 1.ª Divisão, a fim-de decidirem o caminho a seguir. O general Sinel de Cordes declarou que não pretendia ser presidente do Ministério, mas apenas obedecer às indicações do exército. Nessa reunião, resolveu-se procurar, depois de tomadas as indispensáveis medidas militares, o general Gomes da Costa, e dizer-lhe qual a vontade da força pública.

Um episódio interessante

O Diário de Lisboa relata de maneira notável um episódio ocorrido no palácio de Belém. Permittimo-nos fazer uma transcrição:

«Na noite antecedente, ninguém dormira em Belém. De maneira que, ontem, tanto o general, como os seus ajudantes, estavam muito fatigados.

A's 4 horas da madrugada todos dormiam. A's 5 horas retinui a campainha do telefone presidencial. Alguém que não desempenha em Belém qualquer situação official, mas que se encontrava no palácio, foi atender.

Era o capitão Franco, comandante da Policia, que pedia a ida ao telefone, dum dos ajudantes do general, para lhe comunicar que se preparava um golpe militar.

—Estão todos a dormir! Mas se queres, eu vou acordar qualquer deles...

—Ah! Estão todos a dormir, e só eu é que estou acordado? Pois, então, boa noite! E desligo o telefone.

Mais tarde, alguém participou também para o palácio, que alguma coisa de anormal se passava.

Gomes da Costa visita os quartéis

O general Gomes da Costa, acompanhado de seus ajudantes e de elementos da confiança do governo, visitou vários quartéis de Lisboa. Estranhou que o regimento de Cavalaria 2 estivesse preparado para sair. Objectaram-lhe que obedeciam a ordens superiores. E como Gomes da Costa invocasse a sua qualidade de ministro da

Guerra, replicaram-lhe que só do comando da divisão o regimento recebia ordens.

O general soltou vivas à República que foram correspondidos. Gritou que se atraçoava a República, mas decidiu-se a ida a Queluz.

Entretanto, no Quartel General,—havia assumido, provisoriamente, o comando da Divisão, o tenente coronel Bivar de Sousa, comandante de cavalaria 2. Uma força dêsse regimento, sob o comando do capitão Quadros, occupava o edificio e as suas immedições.

Forças de infantaria 2 partiram a tomar conta do Governo Civil e os ministérios foram occupados por infantaria 16. Ao mesmo tempo contingentes doutras unidades tomavam os pontos estrategicos da cidade, tendo artilharia 3 e cavalaria 2 occupado Montes Claros, na Serra de Monsanto.

Cérco ao Palácio de Belem

A's 11 horas uma força de cavalaria 2, comandada pelos capitães Machado e Ribeiro e pelos tenentes Pereira Coutinho e Bessa Aragão, cercou o palácio de Belem.

Imediatamente, as senhoras da familia do general arranjaram as suas malas, e seguiram pata casa, em automóveis da presidência.

O general Gomes da Costa recusára-se a aceitar a plataforma que lhe fora proposta e que era a seguinte: ficar na chefia da policia, e propôr-se effectivar as aspirações nacionaes.



PELOS HOSPITAIS CIVIS

As garantias que a classe de enfermagem gosa, ao abrigo da actual organização dos serviços hospitalares, permitem-lhe uma existência de miséria e de fome

Deixámos ontem o leitor no limiar da Escola Profissional de Enfermagem, depois de o termos feito transitar pela sinuosa via dos antigos serviços de enfermagem. Convém agora que lhe digamos qual a função pedagógica dessa escola e a sua utilidade para os alunos, para, subsequentemente, tirarmos a lição conveniente do que deveria ser a situação do enfermeiro.

Antes, porém, devemos advertir o leitor que esta apreciação em nada desvia o curso da nossa análise à situação do pessoal hospitalar, pois o assunto continua a seguir pelos rails em que foi collocado de principio.

Simplemente, para que se destrua a lenda de que a classe de enfermagem não possui uma mentalidade elevada e por isso é incapaz de moralmente desempenhar uma altruistica função, é preciso dizer o que foi essa classe, o que ela é e qual a categoria económica que deveria possuir.

Nesses termos prosseguiremos o nosso exame, dizendo que a Reforma Lobo Alves, como ontem já principiámos a salientar, apagou a existência da velha Escola Profissional de Enfermeiros, erigindo em sua substituição a Escola Profissional de Enfermagem, instituição de funções pedagógicas mais amplas, donde o aluno sai hoje com uma grande preparação técnica e uma mediana preparação intelectual.

Da Escola Profissional de Enfermagem saem hoje muitos valores para os hospitais civis. Os seus illustres professores drs. Costa Sacadura, Arruda Furtado, Pinto Coelho e outros, cujos nomes não nos occorrem de momento, todos os dias para ali se dirigem, prodigalizando aos alunos uma soma considerável de conhecimentos da sua vastíssima cultura.

Ainda ontem tivemos ocasião de verificar esse grande axioma. Quando ali chegámos, esperçados em falar a um dos distintos professores que lecciona naquelas aulas, estava-se procedendo a exames.

O ambiente era agradável. A nível indumentária de algumas enfermeiras, que os afazeres profissionais dificilmente tinham permitido que fossem ali responder às perguntas dos seus professores, tinha um sabor pictural que encantava. Professores e alunos numa commum intelligenciação, numa grande disciplina espontânea produziam uma obra admirável que o futuro compensará.

A pesar-de alguns caçadores terem preparado a canina matilha as raposas não apareceram.

Todos os alunos obtiveram boas classificações. Nem uma simples raposa. Isto prova que os resultados obtidos na Escola Profissional de Enfermagem são sempre excelentes.

A referida escola tem por missão habilitar o pessoal de enfermagem, o qual só é admitido nos hospitais civis de Lisboa mediante a apresentação do diploma passado por esta escola.

O curso da Escola Profissional de Enfermagem é de três annos e divididos em: curso geral, que dura dois annos, e curso complementár, de mais um anno. O curso geral habilita para a entrada no quadro de enfermagem dos hospitais. O curso complementár é exigido para a nomeação dos enfermeiros chefes.

Para ser-se admitido como aluno na Escola Profissional de Enfermagem, é preciso possuir-se o exame de instrução primária do 2.º grau e apresentarem-se os documentos que actualmente são exigidos

para a nomeação de empregados de enfermagem dos hospitais.

Saltando da escola para os hospitais vamos encontrar dentro destes o seguinte quadro: enfermeiro-chefe, enfermeiro sub-chefe, enfermeiro de 1.ª classe, enfermeiro de 2.ª classe, praticante no periodo post-escolar e praticante no periodo escolar. Para cada uma destas categorias estão estabelecidos, respectivamente, os seguintes honorários: 601\$00, 641\$00, 601\$00, 565\$50, 512\$00 e 501\$00.

Da responsabilidade destes valiosos servidores dos hospitais não carecemos de falar. Basta saber-se, porém, que o enfermeiro é o funcionário hospitalar que mais directamente está em contacto com o doente.

O médico vai uma, duas, três e quatro vezes à enfermaria. Diagnostica, faz uma incisão se é mister e retira-se deixando a substituí-lo o enfermeiro. Se na ausência do médico o enfermo é achacado, é o pobre do enfermeiro que tem que combater o mal.

Para cumprir devidamente a sua missão, o enfermeiro trabalha horas sem conta. No Manicómio Miguel Bombarda sabemos nós de horas dêsses funcionários que têm feito 25 horas de trabalho seguido, succedendo-lhe a este esforço uma folga de pouco mais de oito horas.

Nos outros hospitais succede pouco mais ou menos a mesma coisa. O enfermeiro suporta a tirania de uma longa jornada de trabalho, tem que conformar-se com o pesado serviço que lhe é imposto, tem que resignar-se com as insolências de alguns doentes e por fim tem que condescender com as impertinências de algumas visitas...

E tudo isto, como o leitor já verificou, por um ordenado exiguo, por um vencimento que insulta a alva bata dêsses humildes servidores.

De forma que esta situação, mau grado algumas consciências que se encontram pelos hospitais, dão motivo a que o enfermeiro aceite a esportula, que ás vezes é um lenitivo à sua fome.

Não é só no capítulo vencimentos que o enfermeiro é lesado. Já tivemos ocasião de falar sobre a reforma que lhe é concedida. 30 annos de serviço e 60 de idade dão direito à aposentação. Mas não julgue o leitor que o enfermeiro ao cabo dessa grande jornada vence a sua reforma por inteiro. Não, senhor. Para efeitos de reforma toma-se por ponto de partida o ordenado-base.

De forma que há muitos enfermeiros com mais de 50 annos de bons serviços que se não reformam, porque não poderão viver com a miséria que lhe entregariam.

Se o leitor quiser alguns exemplos vá ao Banco do Hospital de São José e lá encontrará a insinuante figura do nosso José Bernardino, reliquia da classe de enfermagem, suba, depois, à enfermaria de São Sebastião do mesmo hospital e lá encontrará um velhinho que trabalha nos hospitais há cinquenta annos, e galgue depois a cidade até ao hospital de Arroios e ali se lhes deparará um simpático ancião com 50 annos de serviço, que não se reforma porque lhe entregariam uma verba que não chegaria para mandar cantar um cego.

Em matéria de promoções há muito também a dizer. As promoções, pela Reforma Lobo Alves, ás classes immediatamente superiores são feitas metade por antiguidade e metade por concurso de provas práticas

do governo, mas sem pasta, e formar o ministério que lhe indicassem os comandantes das unidades.

O general Carmona determinou, então que o sr. general Gomes da Costa fôsse acompanhado até sua casa por um pelotão de guarda de cavalaria, que lhe faria a guarda de honra. E retirou-se, marcando para as 15 horas a primeira reunião do governo saído do movimento, no ministério das Colónias.

Constituição do novo governo

Foi-nos enviada a seguinte nota officiosa: «O comando militar da 1.ª divisão do Exército, em entendimento com as forças junto de Sacavem e Queluz, e da Marinha e Guarda Republicana, resolve nomear o seguinte ministério:

Presidência e Guerra—General Carmona. Finanças—General Sinel de Cordes. Interior—Dr. Ribeiro Castanho. Justiça—Dr. Manuel Rodrigues. Colónias—Comandante João Belo. Estrangeiros—Dr. Bettencourt Rodrigues.

Marinha—Comandante Jaime Afreixo. Instrução—General Teixeira Botelho. Agricultura—General Alves Pedrosa. Comércio—Tenente-coronel Passos e Sousa.

Foi dado conhecimento dêsse governo a todas as unidades do país.

O governo foi constituído dentro da República, e propôr-se effectivar as aspirações nacionaes.

A proclamação do novo governo

O governo tornou pública a nota abaixo, que nós reproduzimos por mero interesse de informação:

PELOS HOSPITAIS CIVIS

As garantias que a classe de enfermagem gosa, ao abrigo da actual organização dos serviços hospitalares, permitem-lhe uma existência de miséria e de fome

Deixámos ontem o leitor no limiar da Escola Profissional de Enfermagem, depois de o termos feito transitar pela sinuosa via dos antigos serviços de enfermagem. Convém agora que lhe digamos qual a função pedagógica dessa escola e a sua utilidade para os alunos, para, subsequentemente, tirarmos a lição conveniente do que deveria ser a situação do enfermeiro.

Antes, porém, devemos advertir o leitor que esta apreciação em nada desvia o curso da nossa análise à situação do pessoal hospitalar, pois o assunto continua a seguir pelos rails em que foi collocado de principio.

Simplemente, para que se destrua a lenda de que a classe de enfermagem não possui uma mentalidade elevada e por isso é incapaz de moralmente desempenhar uma altruistica função, é preciso dizer o que foi essa classe, o que ela é e qual a categoria económica que deveria possuir.

Nesses termos prosseguiremos o nosso exame, dizendo que a Reforma Lobo Alves, como ontem já principiámos a salientar, apagou a existência da velha Escola Profissional de Enfermeiros, erigindo em sua substituição a Escola Profissional de Enfermagem, instituição de funções pedagógicas mais amplas, donde o aluno sai hoje com uma grande preparação técnica e uma mediana preparação intelectual.

Da Escola Profissional de Enfermagem saem hoje muitos valores para os hospitais civis. Os seus illustres professores drs. Costa Sacadura, Arruda Furtado, Pinto Coelho e outros, cujos nomes não nos occorrem de momento, todos os dias para ali se dirigem, prodigalizando aos alunos uma soma considerável de conhecimentos da sua vastíssima cultura.

Ainda ontem tivemos ocasião de verificar esse grande axioma. Quando ali chegámos, esperçados em falar a um dos distintos professores que lecciona naquelas aulas, estava-se procedendo a exames.

O ambiente era agradável. A nível indumentária de algumas enfermeiras, que os afazeres profissionais dificilmente tinham permitido que fossem ali responder às perguntas dos seus professores, tinha um sabor pictural que encantava. Professores e alunos numa commum intelligenciação, numa grande disciplina espontânea produziam uma obra admirável que o futuro compensará.

A pesar-de alguns caçadores terem preparado a canina matilha as raposas não apareceram.

Todos os alunos obtiveram boas classificações. Nem uma simples raposa. Isto prova que os resultados obtidos na Escola Profissional de Enfermagem são sempre excelentes.

A referida escola tem por missão habilitar o pessoal de enfermagem, o qual só é admitido nos hospitais civis de Lisboa mediante a apresentação do diploma passado por esta escola.

O curso da Escola Profissional de Enfermagem é de três annos e divididos em: curso geral, que dura dois annos, e curso complementár, de mais um anno. O curso geral habilita para a entrada no quadro de enfermagem dos hospitais. O curso complementár é exigido para a nomeação dos enfermeiros chefes.

Para ser-se admitido como aluno na Escola Profissional de Enfermagem, é preciso possuir-se o exame de instrução primária do 2.º grau e apresentarem-se os documentos que actualmente são exigidos

para a nomeação de empregados de enfermagem dos hospitais.

Saltando da escola para os hospitais vamos encontrar dentro destes o seguinte quadro: enfermeiro-chefe, enfermeiro sub-chefe, enfermeiro de 1.ª classe, enfermeiro de 2.ª classe, praticante no periodo post-escolar e praticante no periodo escolar. Para cada uma destas categorias estão estabelecidos, respectivamente, os seguintes honorários: 601\$00, 641\$00, 601\$00, 565\$50, 512\$00 e 501\$00.

Da responsabilidade destes valiosos servidores dos hospitais não carecemos de falar. Basta saber-se, porém, que o enfermeiro é o funcionário hospitalar que mais directamente está em contacto com o doente.

O médico vai uma, duas, três e quatro vezes à enfermaria. Diagnostica, faz uma incisão se é mister e retira-se deixando a substituí-lo o enfermeiro. Se na ausência do médico o enfermo é achacado, é o pobre do enfermeiro que tem que combater o mal.

Para cumprir devidamente a sua missão, o enfermeiro trabalha horas sem conta. No Manicómio Miguel Bombarda sabemos nós de horas dêsses funcionários que têm feito 25 horas de trabalho seguido, succedendo-lhe a este esforço uma folga de pouco mais de oito horas.

Nos outros hospitais succede pouco mais ou menos a mesma coisa. O enfermeiro suporta a tirania de uma longa jornada de trabalho, tem que conformar-se com o pesado serviço que lhe é imposto, tem que resignar-se com as insolências de alguns doentes e por fim tem que condescender com as impertinências de algumas visitas...

E tudo isto, como o leitor já verificou, por um ordenado exiguo, por um vencimento que insulta a alva bata dêsses humildes servidores.

De forma que esta situação, mau grado algumas consciências que se encontram pelos hospitais, dão motivo a que o enfermeiro aceite a esportula, que ás vezes é um lenitivo à sua fome.

Não é só no capítulo vencimentos que o enfermeiro é lesado. Já tivemos ocasião de falar sobre a reforma que lhe é concedida. 30 annos de serviço e 60 de idade dão direito à aposentação. Mas não julgue o leitor que o enfermeiro ao cabo dessa grande jornada vence a sua reforma por inteiro. Não, senhor. Para efeitos de reforma toma-se por ponto de partida o ordenado-base.

De forma que há muitos enfermeiros com mais de 50 annos de bons serviços que se não reformam, porque não poderão viver com a miséria que lhe entregariam.

Se o leitor quiser alguns exemplos vá ao Banco do Hospital de São José e lá encontrará a insinuante figura do nosso José Bernardino, reliquia da classe de enfermagem, suba, depois, à enfermaria de São Sebastião do mesmo hospital e lá encontrará um velhinho que trabalha nos hospitais há cinquenta annos, e galgue depois a cidade até ao hospital de Arroios e ali se lhes deparará um simpático ancião com 50 annos de serviço, que não se reforma porque lhe entregariam uma verba que não chegaria para mandar cantar um cego.

Em matéria de promoções há muito também a dizer. As promoções, pela Reforma Lobo Alves, ás classes imediatamente superiores são feitas metade por antiguidade e metade por concurso de provas práticas

«O governo, constituído por vontade do Exército e da Armada, numa hora delicada, de indecisão e de incerteza, que estava comprometendo o prestigio do Poder—saída as forças de Terra e Mar, e o Povo Republicano, afirmando solenemente o seu veemente, firme e decidido propósito de realizar o programa da Revolução de 28 de Maio, integrando-se assim nas aspirações nacionaes, dignificando a República, que procurará transformar num regime verdadeiramente democrático, em que possam livremente caber todos os portuguezes, honrando e servindo dedicadamente a Pátria e concorrendo para o seu maior prestigio.»

Uma conferência sobre a reorganização dos serviços públicos

A Associação Commercial de Lisboa convidou o professor de finanças e dr. sr. José Eugénio Dias Ferreira para realizar, na sua sede, uma conferência de exposição das bases da reorganização dos serviços públicos, em que há muito aquele professor vem trabalhando e que constituiu uma das questões mais palpitantes do momento.

Embora o dr. sr. Dias Ferreira accedesse prontamente ao convite, a referida conferência só poderá effectuar-se na próxima semana, a fim-de haver tempo para expedir convite e obter as necessárias autorizações para a sua realização.

Várias noticias

O governo civil foi occupado por 200 soldados e officiaes de infantaria 2. O sr. Ferreira do Amaral reassumiu o comando da policia. Tomaram-se em volta do governo civil rigorosas medidas de prevenção.

Notas & Comentários

Um gesto simpático

A Companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo teve a simpática iniciativa de conceder, no teatro Nacional, enquanto durar a sua exploração artistica, a entrada aos trabalhadores de imprensa, mediante a apresentação da «Carteira de Identidade.» Este belo gesto foi já secundado pelo actor-empregado José Climaco, que vai dentro em pouco inaugurar no Eden Teatro, a época de verão, com uma companhia sua.

No Porto, a «Carteira de Identidade» dá já entrada em todos os theatros e cinemas e campos de «foot-ball».

Miserável insinuação

Têm chovido sobre esta redacção várias cartas em que é atacado